

Além do tempo. Por Juliana Fernandes Gontijo.

Letícia, uma enfermeira, e Júlio, gerente de laboratório, eram amigos de longa data e sempre diziam nunca se separarem mesmo se algo muito grave acontecesse. Eles trabalharam juntos por 2 anos e foi tempo suficiente para que a amizade se fortalecesse. Mesmo se passassem vários anos sem encontros ou conversas, era como se tivessem conversado no dia anterior.

A amizade deles já beirava os 20 anos. Era aniversário, dia internacional do amigo, dia do enfermeiro, da saudade e outras datas que eles julgavam importantes e lá estavam os dois enviando mensagem, e-mail ou um ligando para o outro. Cada casal de amigos tem as suas particularidades e com Letícia e Flávio não era diferente. Eles tinham um local que gostariam de ir juntos algum dia. Passar o Réveillon no Rio e pular as sete ondinhas como superstição.

Um ano após a saída de Flávio do laboratório, ele decidiu se mudar para o Rio de Janeiro. Era um sonho desde pequeno morar na Cidade Maravilhosa e, por força do destino, conseguiu alugar uma kitnet na Avenida Atlântida, perto de Copacabana. Assim que já estava tudo ajustado, disse à amiga numa ligação:

— Não vai acreditar, Lety! Aluguei um apê perto da nossa praia! Este ano, você vem pra cá, certo? Vamos passar a virada juntos!

O ano chegou ao fim e a enfermeira não pôde ir. Ficou presa em um plantão. Um centro comercial desabou na cidade e o tumulto no hospital foi geral. Ela estava triste:

— Pule as sete ondinhas por mim, Flavinho! Bom Ano Novo para você! — Desligou o telefone.

No ano seguinte, a moça foi quem convidou o amigo para a praia:

— Este ano, vou ficar na sua casa, beleza? Pode acreditar que eu fui a Copacabana há 30 anos? Nunca mais voltei.

— Não vai ter jeito, Lety. Estou participando de um Congresso em Floripa! Este ano não vai ser possível.

— Ah... Que pena! Mas vai ter um próximo ano, eu sei!

Mais 3 anos se passaram e eles não conseguiam se encontrar. Cada Réveillon era uma coisa diferente. Parecia estar “escrito nas estrelas”. Nunca dava certo. Porém, todo dia 31, um ligava para o outro e desejava um Feliz Ano Novo.

— Pule as sete ondinhas por mim de novo, hein? — Dizia Letícia, olhando os fogos pela janela do quarto. E desligavam o telefone.

O tempo ia passando, mas a amizade deles, não! Vez por outra, ele voltava à terra natal e se encontrava com a amiga. Passeavam juntos, tomavam sorvete na praça mais famosa da cidade. iam ao cinema, festas. E as sete ondinhas pareciam cada vez mais distantes.

Flávio recebeu uma proposta de trabalho na Europa e deveria se mudar para a Inglaterra.

Quando Letícia foi se despedir do amigo no aeroporto, parecia mais que estava indo a um velório:

— Tenho um mal pressentimento, Flavinho. Acho que é a última vez que a gente se vê.

— Vira essa boca para lá, mulher! Assim que eu chegar em Londres, a primeira coisa que vou fazer é comprar um chip e de lá e te mando mensagem.

— Não vai, desiste da viagem!

— Olha o que você está me pedindo, mocinha! É a minha carreira profissional!

— Desculpa, mas eu tenho muito medo da gente nunca mais se ver.

— Para, menina! A gente ainda vai se ver nesta vida ou eu não me chamo Flávio Andrade. Eu tenho seu número de telefone, só não está decorado, mas a agenda faz isso por mim.

Eles se despediram como longo abraço.

O que Letícia mais temia, de fato, aconteceu. Passadas as 25 horas de viagem, ela aguardou ansiosamente uma ligação que não veio; consultou o e-mail, sem resposta. Nem sinal de Flávio. Tentou a localização do voo, a companhia avisou que havia chegado a Londres sem problemas recorrentes.

Ela não conhecia a família do amigo. Os pais deles já haviam falecido e ele era filho único. Aquele tempo em que as redes sociais estavam engatinhando e Flávio não tinha o menor interesse pelo produto. Na Internet, ela não conseguia informações sobre ele.

Todas as noites, a enfermeira rezava, pedindo a Deus que nada acontecesse com Flávio. Mesmo com a fé, ela sentia que nunca mais eles iriam se encontrar. Cinco anos se passaram e Letícia continuava sem notícias. Uma amizade que talvez tivesse sido perdida pelo tempo e a distância.

Aos poucos, já descartava a ideia de voltar a Copacabana a fim de rever a praia onde brincou quando era criança. Na parede seu quarto, conservava um porta-retratos com a foto dos dois. Quanta saudade!

Ao completar 40 anos, decidiu que iria dar a si mesma uma comemoração de Réveillon numa praia do Guarujá em São Paulo. Ela apenas queria andar pela areia, como se quisesse relembrar algum bom tempo de sua vida. Pegou o ônibus em Minas no dia 31 de dezembro pela manhã, somente a fim de passar a virada fora de casa. Ainda na madrugada do dia 1º, já estaria na rodoviária da cidade a fim de voltar às terras mineiras. Estava decidida: nada de pular as sete ondinhas. Era em memória de Flávio, onde quer que ele estivesse.

Chegou em Guarujá apenas com a roupa do corpo e uma pequena mochila, com a carteira de documentos, uma necessaire, o celular (uma bateria extra, naquele tempo isso ainda era possível) e uma toalha caso precisasse. Água? Compraria na mão de um ambulante.

Ela fez um lanche suficiente para aguentar a noite toda. Um sanduíche daqueles enormes e mais um refrigerante meio litro foram a sua janta num pequeno restaurante lotado perto da praia.

Foi ao banheiro, comprou um sorvete, atravessou a rua e procurou um lugar mais afastado para sentar na areia. Ali ficaria até a virada. Um tempo que Letícia precisava para pensar em tudo que havia passado naquele ano. A traição do namorado e a mudança de emprego fizeram muita diferença na vida da enfermeira. Letícia tinha muitos planos.

Olhava fixamente para o mar com a cabeça “borbulhando em pensamentos” e agarrada a mochila por motivo de segurança. O telefone tocou e ela atendeu:

— Alô! — Sem resposta.

— Aloooooô! — Do outro lado, mudo.

Ao guardar o aparelho na mochila, sentiu um arranco no braço:

— Pelo amor de Deus, leva tudo, mas não me...

— Não está me reconhecendo, Lety?

A enfermeira quase teve um ataque, gritando aos quatro cantos da praia:

— Flavinho! Por onde andou este tempo todo? São 7 anos! O que aconteceu? Está doente? Emagreceu tanto. Eu pensei que tivesse morrido, mas... Tinha esperanças de que pudesse estar vivo em algum canto do planeta. E como você veio parar aqui?

— Calma, Lety! É uma longa história.

— Meu Deus! Não acredito! Veja como o meu coração está disparado. — Os amigos se abraçaram por alguns minutos e choravam ao mesmo tempo.

— Vou te contar um resumo do que passei. A gente vai ter muito tempo, vai ouvir cada coisa que até Deus duvida. Ao desembarcar em Londres, fui preso por confundirem meu passaporte com o de um traficante colombiano. Depois de 1 ano e meio, saí do xilindró com a roupa do corpo e minha carteira de documentos. Um advogado do Consulado me ajudou e morei uns tempos na casa dele.

— E o celular?

— A polícia nunca devolveu.

— E eu te procurei tanto, Flávio. Estranho, eu tinha a sensação clara de que você tivesse sido preso. — Letícia deu outro longo abraço no amigo.

— A empresa que eu iria trabalhar, ao saber disso, jamais me procurou para dar apoio.

Com receio de ser preso em um pub no centro de Londres, por causa de um roubo de outra pessoa, Flávio sumiu da Inglaterra com o pouco dinheiro que tinha. Foi para Portugal.

Novamente, ele se deu mal. Confiou em um falso amigo que lhe fez uma proposta de trabalho. Na verdade, uma rede de prostituição. Foi preso outra vez. O governo brasileiro percebeu a inocência dele e de vários outros conterrâneos. Eles eram vítimas de uma rede internacional que aliciava imigrantes.

— Para de mentir. Vai? Não vi isso na imprensa!

— Um dia, eu te mostro as fotos e vídeos na minha máquina digital. Eu pedi que um vizinho fizesse uma filmagem de quando eu saí da cadeia em Porto. O cafetão está preso até hoje.

Ele contou que passou perambular pela região litorânea de Porto, fazendo colares e pulseiras para vender aos turistas. Sobreviveu por alguns meses na rua até que descobriu um navio clandestino com destino à Nigéria. Ele tomou raiva da Europa.

Durante a viagem, recebeu de um missionário brasileiro um convite para morar em uma comunidade no sul do país. Como falava inglês, começou a dar aulas de alfabetização numa escola do interior em troca de lugar para dormir, banheiro e comida. Juntou algum dinheiro com a venda do artesanato que fazia, após as aulas, durante a noite.

— Aprendi bastante, fiquei lá por quase 4 anos. No entanto, era muito sofrimento daquele povo e eu não aguentava mais tentar mudar a vida daquelas crianças sem muitos recursos. Era conviver com aquilo ou voltar para o Brasil. Fui ao consulado, pedi ajuda. Conte toda a minha história e uma senhora que estava lá escutou tudo. Teve dó de mim e falou que pagaria a minha passagem. Nem sei o nome dela. Disse que tinha uma “dívida moral” de outra vida e que precisava pagar e eu seria “o beneficiado”. Bancou todas as minhas despesas. Passei a chamá-la de Maria, Mãe de Jesus.

— Parece até roteiro de filme...

— Mas não é. Voltei para o Brasil liso, sem um “tostão furado”. Em Minas, depois de eu me restabelecer na casa de um primo, consegui de volta o meu emprego no antigo Laboratório onde a gente trabalhou. Tudo isso faz apenas um mês. Não te liguei antes porque estava pensando como realmente a gente poderia se encontrar. Eu queria que fosse algo diferente. Quem sabe algo “mágico”? Na semana passada, estive em sua casa, mas pedi sua irmã, Luciana, que não te contasse nada. Eu queria te fazer uma surpresa.

— E senão me encontrasse aqui?

— Menina previsível! Eu cheguei ontem, como você contou os seus passos para a Lu, eu fui te seguindo. Estava na rodoviária quando seu ônibus chegou. Fui ao restaurante onde comprou o sanduíche. A gente se trombou na porta do banheiro. Percebeu um cara de boné verde que tropeçou no seu pé na saída do ônibus?

— Ah?! — Leticia parou e olhou fixamente nos olhos do amigo!

— Era eu!

— Eu te amo, Flávio!

— E eu também, Lety! Nossa amizade é isso: um amor além do tempo!

Os amigos ficaram abraçados, sentados na areia. Foi muita emoção para eles num dia só:

— E agora, finalmente a gente vai pular as sete ondinhas, mesmo que seja em Guarujá? — Disse a enfermeira?

Eles estavam na contagem regressiva no novo ano que iria começar! Os fogos já coloriam o céu! O barulho era ensurdecedor.

— Nove, oito, sete, seis, cinco, quatro, três, dois, um! Feliz Ano Novo! — Gritaram os dois.

Flavio e Lety correram para a água e deram início ali a mais um ano novo com a promessa de nunca mais se separar. E, todos os anos, as sete ondinhas seriam puladas por eles em qualquer praia ao redor do mundo.

Porque a amizade é também um amor que nunca morre!
